

confusão de suas idéias de sua posição pessoal, não pôde deixar de exclamar com uma voz cheia de amor e emoção: — O meu Eduardo, Deus vos proteja e defenda! — Que ouvi! disse elle com uma expressão de indefinível alegria. Oh! aconteça o que acontecer, agora que vós... — Quem? eu! que disse? interrompeu lady Wexford. Ella apenas tinha força para pronunciar incoherentes palavras: E? ... oh! parti, parti, Eduardo. ...

Já não estava em seu poder conter por mais tempo seus sentimentos; ella se havia trahido; força sobre-humana a arrastava; sahiu da carruagem e cahiu quasi sem sentidos nos braços de seu amante.

Impossível tornou-se a partida. Os suspiros e os soluços de Maria feriam os ouvidos e o coração de Eduardo. Não viu mais do que esse bello rosto de mulher cujos bellos cabellos fluctuavam pelo seio; nada mais sentiu do que as pulsações do coração de Maria de encontro ao seu. Eduardo beijou-lhe as faces, e não pôde reter suas lagrimas que se misturaram com as lagrimas de sua amante. Os White-Boys que estavam presentes á esta scena tocante não puderam sennão choraram também. Estes feroces inimigos que não esperavam sinão um signal de seu chefe para devastar e matar, mostraram que tinham uma alma, e que seus olhos também continham lagrimas.

Eduardo levantou Maria, que acabrunhada por sua dôr e confusão, fazia esforços para evitar todas as vistas; deu-lhe a mão para levá-la para fora d'este logar, por já ser inútil a carruagem. Maria não fez resistencia alguma. Toda sua resolução o havia abandonado, e quando a reconduziu a seu quarto, exorçou-se para fazer calar todas as suas emoções. Essa voz querida não tardou a acalmar-lhe o espirito, e ella ouviu sem colera as expressões de sua ternura; palpitando, não se sentiu com forças para repelli-lo, quando Eduardo lhe cobria as mãos de ardentes beijos. Em sua fraqueza não peusou em oppôr resistencia, esqueceu tudo por Eduardo, e amou com amor terno, cego, insensato, com esse amor ao qual as mulheres sacrificam tudo, pelo qual desaparecem d'este mundo receios, perigos, passado e futuro.

Desde esse momento perdeu para sempre a paz de sua alma. O combate, que os Irlandezes esperavam por aquellos dias, não teve logar sinão quinze dias depois em consequencia das habéis manobras de seu jovem commandante. As tropas reaes batteram os insurgidos, derrotaram-os completamente, e a maior parte dos chefes ficaram prisioneiros. D'este numero era o desgraçado Eduardo, que ferido depois de ter feito prodigios de valor, cahiu sem sentidos e foi tirado vivo do meio d'um montão de cadáveres.

Fallemos agora do que aconteceu um mez depois. Os magistrados do condado estavam reunidos no castello de lord Wexford para julgar os rebeldes prisioneiros. Lord Wexford presidia e tinha a seu lado

dous outros magistrados. Na extremidade da sala estavam seis soldados armados, e o official de justiça estava perto da porta, como um homem que espera uma ordem.

— Introduzi os prisioneiros, disse o conde de Wexford.

Então entraram oito na sala; á sua frente estava sir Eduardo. Um dos magistrados fez os interrogatorios, porém por mais que fizesse, não pôde conseguir dos quatro prisioneiros que interrogou primeiro resposta directa á suas questões; e deu-se ordem para fusilá-los immediatamente.

Os dous outros prisioneiros que foram interrogados depois, tendo dado respostas mais satisfatorias, ficou o seu julgamento addiado para a proxima reunião do tribunal.

Não restava mais que sir Eduardo que devia ser julgado por ultimo, e um outro prisioneiro, que parecia ter apenas dez-seis annos; com o rosto inclinado para o chão, banhado em lagrimas, e tímido attrahiu as vistas de todo o auditorio e tocava todos os corações. Era todavia muito difficil distinguir-lhe o rosto, por o ter quasi coberto com um grande chapéo.

Quando chegou a sua vez de ser interrogado, Sir Eduardo tomou a palavra e explicou que este pobre moço era filho d'um dos rendeiros de seu pae, que, juntando-se aos insurgidos, só lhe tinha ope-decido, e que por consequencia devia ser julgado innocente. Os magistrados compadecendo-se de sua mocidade assim o fizeram, e o jovem prisioneiro se retirou para um canto da sala, escondendo o rosto em suas mãos, derramando abundantes lagrimas, e deixando escapar suspiros e gemidos.

Chegou enfim a vez de sir Eduardo. Sem responder a todas as perguntas, confessou os factos comprehendidos no auto da accusação, mas recusou ver n'elles culpabilidade, e a única graça que pediu foi que sua morte se seguisse logo a sua condemnação. Seus votos iam ser satisfeitos. — Levae esse homem, e seja fusilado em cinco minutos, — disse lord Wexford.

Eduardo dirigindo-se então com passos firmes para o fundo da sala, tirou de seu peito um lenço branco; levou-o aos labios com emoção, e depois atirou-o com um riso melancholico ao jovem prisioneiro que, apesar de absolvido, não cessava de chorar e soluçar. Mas logo que teve o lenço em suas mãos, suffocou seus suspiros e seus gemidos, e seus olhos repentinamente cheios de fogo tomaram uma extranha expressão. Depois vendo Eduardo de joelhos com a mão nos olhos, e as espingardas que se abaixavam e dirigiam para a victima, poz-se a espera e a ouvir. Seu rosto estava lavado em suor, seus dentes rangiam com força, e foi facil ver que fazia violentos esforços para fazer callar a desordem e as angustias de sua alma. Eduardo pronunciou pela derradeira vez estas ultimas palavras: — Adeus, Maria, adeus. — Immediatamente foi dado o signal de morte; ao mesmo tempo se ouviu um grito cruel; o jovem prisioneiro se precipita para Eduar-

do, apertou-o em seys braços, e ambos caíram ao mesmo tempo banhados em seu sangue, com a cabeça despedaçada pelas mesmas ballas.

As testemunhas d'este horroroso espectáculo mudas de espanto, fixavam machinalmente os olhos nos corpos dos dous justicados, que jaziam mortos. Lord Wexford percebendo na mão do jovem prisioneiro um lenço que elle parecia ainda apertar por uma contracção nervosa, se abaixou para apanhá-lo. De repente sua physionomia se decompoz: em um dos cantos do lenço viu um nome muito amado e muito conhecido. Faz esforço por ser senhor das sensações que o assaltam, procura pôr de novo o lenço na mão donde o tirou, grande Deus! como é macia, branda e delicada essa mão! O conde levanta a cabeça do jovem justicado, e para logo a palidez da morte se espalha por seu rosto; todo seu corpo treme; dir-se-hia que o ferira o raio. Elle reconhece sua mulher. ...

(Boston Magazine.)

MARIA.

Morria uma bella tarde; os raios do sol, que se escondia por detraz das montanhas, que cercam a vasta bahia do Rio de Janeiro, mal lançavam um esbranquiçado brilho; algumas pequenas e negras nuvens appareciam do lado do Oriente, e começavam a obumbrar o horizonte: uma molle e branda viração gemia por entre as folhas das arvores, que ornáam os jardins de S. Domingos: e Maria, a melancholica Maria passava sósinha. ... e chorava!

Quem foi o barbaro, que magôou-lhe o coração? Quem o perfido, que ousou rasgar-lhe o seio d'alma? ...

Ella chorava, e suas lagrimas, cahindo sobre a relva, que seus pés pisavam, pareciam dar-lhe nova vida; e seus suspiros, tão dolorosamente arrancados de seu peito, se confundiam com os tristes canticos da rôla, que ao longe echoavam.

Seus bellos e longos cabellos, tão pretos como o ebano, tão mimosos como o veludo, desordenadamente cahiam sobre seus hombros: no seu humido semblante reverberava a dôr e a magôa; nas suas roseas faces estava impressa terrivel côr da desesperação. ... e ella era ainda tão moça, e depois era tão formosa! ...

Uma esperança entretanto de mystério e de encantos sustentava a bella donzella; talvez conhecesse ella, no meio do seu pranto, no meio de suas angustias, que sua patria não era a terra, e que um dia virá, dia feliz para ella, em que, desprendendo-se das prisões dos sentidos, reunir-se-ha com os entes queridos, que lhe roubára a morte: e esta esperança de uma nova e mais ditosa vida, esta ancia da eternidade e do infinito, que inventa a nossa imaginação, rodeiando-a de tão doces idéias, de tão lindos pensamentos, que nos precipita no seio

das dôres, para as aceitarmos como sacrificios, que reclamam resignação e constância, que nos força a marchar sobre espinhos, acreditando pisar flôres, esta esperança muito nos vale! . . .

Ella passou pelo espaço de uma hora; lançou seus bellos olhos com tanta candura sobre o que se offerecia á sua vista, que parecia suavisar tudo o que elles encontravam; observou a apparição das primeiras estrellas, que rutilavam no horizonte, n'este tão puro, tão sublime céu da minha patria, e depois de colher algumas rosas e alguns jasmims, retirou-se para o seu quarto.

Depois de accender uma luz, recostada sobre seu leito, lançou mão de um livro, para esforçar-se a socegar, por meio da leitura, seu angustiado espirito: o livro intitulava-se — Paulo e Virginia — e era fructo de uma imaginação muito creadora de utopias e de extravagancias; seu auctor tinha sido amigo intimo de Napoleão, e passou seus dias em uma contínua metamorphose de praseres, dôres, climas e ideias, e chamava-se *Bernardino de Saint-Pierre*. Por acaso baixou Maria seus olhos sobre a paginã dos adeuses dos dous infelizes amantes: Paulo consternado, abatido e quasi sem vida cahindo nos braços de sua mae; e Virginia com uma constancia celeste, saudando os prados, os rios, as arvores e os passaros, que haviam sido seus companheiros de infancia. . . .

— Oh! meu Deus! . . Este livro contém a minha historia, e sua leitura, recordando-me dias tão venturosos, patenteia mais funebremente ainda a minha triste posição. Oh! mudemos de leitura! . . .

E tirou outro livro da estante, e abriu. Era a bella tragedia de *Romeo e Julietta* do sublime Shakspeare: esta tragedia é um magifico hymno ao inexplicavel sentimento do amor, que eleva a alma humana a uma natureza immaterial; é uma melancolica elegia sobre a sua fragilidade, sobre a breve duração, que lhe outorga sua mesma essencia: é a apothecose, e ao mesmo tempo a funeria pompa do amor. Tudo o que os perfumes da primavera tem de mais voluptuoso, tudo o que o cantico das aves tem de mais divino, de mais pathetico, de mais harmonico, tudo o que a rosa apenas desabrochada tem de mais candido e mais delicado, constitue a alma d'esta celeste poesia.

E ella começou a lêr a scena da despedida de *Romeo*, que ao cantico do rouxinhol, deve arrancár-se aos braços da sua Julietta, e partir para Mantua.

— Sempre! Sempre a mesma cousa! Disse ella! — e feichou o livro, e deu azas ao seu pensamento. No momento, em que iam saas palpebras cerrando-se, em que o somno parecia vir em seu soccorro, perfumando-a com seu doce olphato, sentiu pisadas, abrese uma porta, e um homem entra dentro do seu quarto! . . .

— Ai! Misericordia! Grita ella. — Silencio, lhé diz elle, ou morres! — Malvado! — Eu te amo. — Deixa-me por piedade! — Nada deves temer da minha parte. — A esta hora, n'este logar... como não de-

vo temer a presença de um homem, que me persegue sempre, que se oppoem a meus passos, como a um remorso vivo, de um homem que eu desprezo! — Mas que te ama, com todo o furor, que mil lagrimas verteu por ti, e que a desesperação conduziu a este ponto. Ei te perdôo todo o mal, que me fizeste, todos os teus despresos, com tanto que consintas unir o teu destino ao meu, ligar a tua vida á minha! — Eu! nunca! — Nunca, si por bem não fôr, então a força. . . — A força! barbaro! E ignoras acaso, que tua esposa já não posso ser, que já te não posso dar meu coração e meu amor, por que já d'elles dispuz a prol de outro mais digno, mais honrado do que tu? — Infeliz, que dissteste! Tu a outro! e eu então? . . Eu, que por ti daria minha alma, venderia meu sangue, e commetteria os mais horribes attentados! Oh! não, é impossivel! E's minha; serás minha! . . — Tu me causas horror! — Horror! . . Antes isso, já que não te posso merecer o amor! . . Mas ao menos, elle de ti nao gozará tranquillo. . . . — E o monstro avança seus passos para ella, e quer. . . porém, com uma prestesa espantosa, Maria se aproxima da janella, e com uma voz forte e descompassada, lhe diz — Si mais um passo avanças, eu me precipitarei d'esta janella. — N'este momento ouviram-se gritos, e rumor no quarto de Maria... correram seus irmãos, e os visinhos a vér o que era, e encontraram algumas cadeiras cahidas, a janella que dava para o jardim aberta, e a infeliz donzella sem sentidos, deitada no leito! . . .

No dia seguinte levantou-se Maria tranquillamente; e ainda que suas faces mostrassem alguma palidez, como ella affirmou ter sido atacada por um terrivel sonho, de que ainda soffria, pessoa alguma da casa seube o que tinha acontecido, e se persuadiram todos, que um accesso de delirio lhe teria arrancado os sentidos n'aquella noite.

Um mez se passou, e já nem se fallava de tal acontecimento, quando se soube que Camillo, um dos habitantes mais ricos, e mais dados aos praseres, tinha sido assassinado, em uma noite, vindo da cidade de Nicheroy para S. Domingos, á uma hora, depois do baile da sociedade Praia-Grande.

Apenas chegou aos ouvidos de Maria a noticia de tal morte, ella mandou chamar um sacerdote, e cumprindo com os deveres, que lhe impunha a religião Catholica Apostolica Romana, lhe confessou, que se havia vingado de Camillo, que lhe tinha imprimido uma nodoa eterna: depois que a abençoou o sancto Sacerdote, ella lançou mão de uma porção de veneno, que já havia preparado, e misturando-o com agua, o sorveu todo. . .

Consta, que Eugenio, um dos mais elegantes moços, que nasceram n'esta provincia, e a quem ella tinha promettido a mão de esposa, voltando de Pariz, formado em Medicina, teve um grande pesar da morte d'aquella, a quem pretendia unir-se, mas que como jovem e doutor, breve se consq-

lára, e desposára uma bella viuva de 45 annos, que tinha muito dinheiro.

PEREIRA DA SILVA.
Collaboração do Gabinete.

A NOITE DO SANGUE.

ANEDOTA DE 1836.

(Vid. n. 17.)

Uma snr.^a já octogenaria, e quasi decrepita chega-se tambem para ella.

— Muito vos agradeço, snr.^a, por vos terdes querido reunir aos parentes, e allia-dos de meu sobrinho o marquez de Morey, para servir de testemunha no seu contracto do casamento; tenho a honra de apresentar-vos sua noiva.

E uma snr.^a que estava ao pé della, a mais rica das moças do paiz inclinou-se para comprimental-a.

De uma roda de moços que se tinha reunido por traz de Luzia sahiram então mal comprimidas risadas. Luzia virou-se e viu o cavalheiro d'Elbina, o barão Eugenio d'Anglas, o conde Alberto de Mortemire, e todos quantos tao desdenhosamente haviam sido por ella tractados. Então dirigindo-se para o marquez de Morey, e surrindo-se com inesperada tranquillidade,

— E porque me não preveniste, respondeu-lhe, que em vossa casa havia tanta gente: julgava vir a uma pequena reunião de familia, e por isso me apresentei em trajos tão sem cerimonia... mas desculpae-me, minha assignatura nem por isso é má, nem por isso é menor vossa ventura.

E dando a mão ao marquez dirigiu-se para a meza em que estava o contracto.

— Snr.^a, disse Olgar chegando á meza, hoje é a noite do contracto.

— Noite do contracto, e noite do sangue, respondeu-lhe Luzia em voz baixa: duas perfidias; sois habil mostre; quanto lastimo a sorte da futura marquezia.

E assignou sem tremer.

E voltando-se depois para o lado em que estavam os mancebos, cujos olhares ironicos nem um instante a haviam desamparado, dirigiu-se para o conde do Mortemire cuja physionomia parecia-lhe menos hostil, e mostrava-se mesmo algum tanto compadecida.

— Eu me retiro, snr., disse-lhe; o coche que M. de Morey poz á minha disposição hade sem duvida estar-me ainda esperando: tereis a bondade de acompanhar-me até a escada? conto com vossa urbanidade.

Havia na voz de Luzia um não sei que tão mavioso, e tão supplicante que o conde Alberto nem um instante hesitou; lizonçado dessa publica preferencia, deu-lhe pressuroso a mão, ambos sahiram da sala.

Luzia appressa os passos, que sentia que as forças a iam abandonando: nada mais via, nada mais ouvia: tudo lhe estava ex-